



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memória, história e narrativa: a criança e seu aniversário

Núbia de Oliveira Santos¹

Resumen:

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e discute a partir das contribuições teóricas de Walter Benjamin acerca dos temas memória, história e narrativa, a relação da criança com o dia do seu aniversário. Buscando fazer uma articulação destas leituras com a experiência da infância na atualidade, o texto apresenta, uma reflexão inicial sobre estes temas, no sentido de compreender como alguns conceitos apresentados por Benjamin podem ser lidos a partir de aproximações com as questões relacionadas à infância. Entendendo os temas da memória, história e narrativa em Benjamin, enquanto dimensões da linguagem, este trabalho traz as falas das crianças como instauradoras de questões e reflexões. Nesta perspectiva, ao interpelar as crianças sobre o dia do seu aniversário, as indagações trazem à tona o dia do seu nascimento, permitindo-lhe acessar uma memória que lhe foi dada, que pertence ao outro e não a elas mesmas, numa lógica não linear que articula passado, presente e futuro na busca de compreender a experiência de ser criança na contemporaneidade.

¹Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Brasil (PUC-Rio); Doutoranda em educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil (UERJ). Professora de Educação Infantil do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro/Brasil – (FAETEC).

nnubia@terra.com.br



Memória, história e narrativa: a criança e seu aniversário

Escrever é apenas reflexo de uma coisa que pergunta.

Escrever é uma indagação.

Clarice Lispector

Introdução

Tomando como ponto de partida a epígrafe que abre este ensaio, a escrita aqui se coloca como lugar de indagação e de reflexões surgidas a partir da leitura de alguns ensaios de Walter Benjamin que tratam de questões sobre memória, história e narrativa. Buscando fazer uma articulação destas leituras com a experiência da infância na contemporaneidade, trago uma escrita sobre estes temas, na tentativa de compreender como alguns conceitos apresentados por Benjamin podem ser lidos a partir de aproximações com as questões que hoje se colocam para mim como indagações, como objeto de investigação. Assim, este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que estuda a relação da criança com o dia do seu aniversário.

Memória, história e narrativa são temas que se encontram espalhados em diferentes ensaios de Walter Benjamin; entretanto, há que se tomar cuidado para não incorrer no erro de pensar tais conceitos separados ou estanques. É fundamental compreendê-los organicamente e enquanto dimensões da linguagem na obra do autor.

Assim, neste texto procuro articular as contribuições teóricas de Walter Benjamin acerca dos temas memória, história e narrativa para pensar a relação da criança com o dia do seu aniversário, partindo da idéia de que a nossa história não é somente o que nós contamos, mas também o que a história social nos oferece.

Em História Social da Criança e da Família, Philippe Áries (1981) chama atenção para a importância de se conhecer as coordenadas do nascimento. O primeiro nome, por ser considerado, na Idade Média, uma designação imprecisa, necessitou ser acrescido do sobrenome de família e até de um nome de lugar. Atualmente, é acrescido da idade, uma precisão de caráter numérico, quantidade legalmente mensurável. Nome, sobrenome e idade pertencem hoje aos nossos hábitos de identidade civil. O primeiro estaria circunscrito no mundo da fantasia, o segundo no mundo da tradição e o terceiro é produto do mundo da exatidão.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Assim que nossas crianças começam a falar, ensinamos-lhes seu nome, o nome dos seus pais e a sua idade. Ficamos muito orgulhosos quando Paulinho, ao ser perguntado sobre sua idade, responde corretamente que tem dois anos e meio. De fato, sentimos que é importante que Paulinho não erre: que seria dele se esquecesse sua idade? (Áries, 1981, p.29).

Para as sociedades ocidentais, o dia do aniversário de uma pessoa, demarca a passagem do tempo. O ano como movimento periódico que permite medir a idade, é contado a partir da data de nascimento e a comemoração desse dia vem a ser um ritual que faz parte dos preceitos da civilidade moderna. As comemorações dos aniversários de crianças propiciam trabalhos de socialização desde a infância, como afirma Sirota (2005). Esta autora, a partir de um trabalho etnográfico, analisa os aniversários como ritual de socialização e considera os presentes oferecidos como *objeto que participa dessa socialização em termos de celebração do indivíduo, de modelagem da identidade e de construção do vínculo social.* (p.536).

O dia do aniversário pode demarcar, numa abordagem individual, a relação da criança com o tempo e com ela própria, compreendendo a si como mudando, transformando, passando a fazer parte de outro grupo etário. Numa abordagem psicológica e social, a alteridade aparece na medida em que a sua existência tem um significado para o outro. Além das dimensões psico-sociológicas e individuais há que se considerar as dimensões antropológicas e filosóficas desta prática, partindo da história das comemorações dos aniversários e como, atualmente, estas foram ganhando um caráter de festividade permeado pela cultura de massa e pela indústria cultural.

Assim, busco aqui, aliar os resultados iniciais de um trabalho de campo – conversas com crianças de 4 a 10 anos sobre o significado que dão ao dia do aniversário – trazendo suas falas enquanto uma dimensão da narrativa. Neste sentido, ao indagar das crianças sobre o dia do seu aniversário, esta pergunta poderá trazer à tona o dia do seu nascimento, permitindo-lhe acessar uma memória que lhe foi dada, um início que pertence aos seus pais e não a elas mesmas, pois como afirma Gagnebin (2009) são as ações e narrativas de outros que detém a história da nossa concepção, do nosso nascimento e da nossa morte.

(...) não há, portanto, nem começo nem fim absolutos possíveis nesta narração, que nós fazemos de nós mesmos. Ademais, o discurso que temos a respeito do nosso passado, é inseparável da dialética entre antecipação e retrospectão que guia os nossos projetos de existência e sua retomada rememorativa. (p.84).



A criança sabe que é seu aniversário, porque alguém que viveu essa experiência contou para ela. Benício de 4 anos, quando perguntado:

Pesquisadora: o que é aniversário?

Benício: é o dia que a gente nasce ué!

Pesquisadora: como a gente sabe que é o dia do aniversário?

Benício: Ah, è a mãe que conta, minha mãe me falou! É a mãe que faz a festa.

Pesquisadora: Quem escolhe o dia do aniversário?

Benício: é o dia que a gente nasce, (fala com veemência. Pensa um pouco e diz:)

Eu acho que foram os Deuses!

A festa de aniversário no contexto das crianças entrevistadas tem se configurado um evento que demarca e eterniza o dia do nascimento, entretanto, não se pode negar que, comemorar o dia do aniversário hoje, ganhou outras configurações, tanto que muitas vezes, a festa pode acontecer em dia diferente do dia do nascimento. Embora este ensaio não se proponha a um olhar mais aprofundado sobre a festa de aniversário, seria impossível não tratar do tema, pois todas as crianças entrevistadas trouxeram questões relacionadas a estes eventos enquanto um momento importante para se pensar o dia do aniversário.

A festa enquanto prática social pode ser considerada um ritual de celebração que faz parte da vida em sociedade. Cunha (2002) chama atenção para a forma como a festa foi tomada por historiadores como *eternos rituais de inversão, momentos universais de suspensão de conflitos e regras, ou difusão das diferenças em uma única torrente burlesca, ou satírica, cujas mudanças só podiam ser observadas na longuíssima duração.* (p.11). No que se refere às festas de aniversário, aqui mais especificamente as de aniversário de criança, estas vêm ganhando na contemporaneidade, grande destaque e diferentes roupagens nas formas de sua realização. Acredito não ser possível pensar as características de uma festa de aniversário de crianças fora do contexto mais amplo e das rápidas transformações que vem ocorrendo ao longo das décadas, no que diz respeito ao lugar da criança na contemporaneidade e a interferência da mídia na vida cotidiana. Os eventos de comemoração seguem um modelo que se traduz tanto numa concepção de infância quanto numa concepção de comemoração. As festas observadas até então, articulam rituais “tradicionais” e outros que acompanham um movimento influenciado pela mídia.

Tanto o dia do aniversário, quanto a festa comemorativa muitas vezes são concebidos pelas crianças sem associação ao dia do nascimento.



Giovanna 5 anos:

Pesquisadora: hoje é dia 26 de maio de 2010. Por que hoje, esse dia 26 de maio é seu aniversário? (silêncio).

Giovanna: Minha mãe que sabe... ri

Pesquisadora: E o dia que você nasceu você sabe?

Giovanna: Não, mas foi ha muitos anos atrás...

Pesquisadora: Quantos anos?

Giovanna: Acho que um ano... Eu só sei que na época, a minha irmã tinha um coelhinho de estimação, meu avô estava doente, mas quando eu nasci ele ficou bom...

Pesquisadora: E como você sabe tudo isso.

Giovanna: Risos, ah eu sei assim né? Meu pai que falou...

O dia do aniversário, na perspectiva aqui apresentada se configurou como um acontecimento capaz de acionar a possibilidade de contar, pois a criança olhada, enquanto aquela que faz história, é capaz de atribuir sentido as coisas. As questões apresentadas por Benjamin permitem uma aproximação com o contexto contemporâneo na medida em que se presenciam novas formas de comunicação e de relação com o tempo. O dia do aniversário instaura um momento onde se demarca socialmente uma transformação, a criança passa a ter outra idade, outra referência de si mesma, é comum ouvir crianças de 5 anos, dizerem: “ah, isso aconteceu quando eu ainda tinha 4 anos!”.

A história em Benjamin tem a infância como centro de sua categoria. Para este autor, a categoria da história contém as dimensões políticas e filosóficas que constituem a dimensão cultural da sua abordagem acerca da infância. A humanidade só tem história, porque teve infância.

Em *Infância em Berlim, por volta de 1900*, texto produzido entre 1932 e 1933, a partir de fragmentos apresentados em forma de rememoração, o conceito de infância está também centrado no conceito de memória. Benjamin apresenta uma narrativa que mistura ficção e elementos autobiográficos, em que memória individual e experiência coletiva estão imbricadas, possibilitando uma reflexão sobre o sentido de rememorar. Indo em direção contrária ao historicismo, que numa visão evolucionista do progresso, considera a história como um continuum, o rememorar para Benjamin, significa *colocar o presente numa situação crítica*, resgatar a memória dos oprimidos. Em *Teses sobre o conceito de história*, texto de 1940, Benjamin (1984), diz:

Articular historicamente o passado, não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (...). O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Benjamin, 1994, p. 224).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

No processo de rememoração se reconstrói o passado, que está longe de ser algo estático, não do modo como ele foi, mas podendo sobrevir no presente e ser recriado, pois para Benjamin esta forma de olhar para o passado, seria uma maneira de combater o conformismo. Está aí a dimensão crítica e política da memória, reapropriar-se dos acontecimentos não da maneira como ele foi, mas da forma como ele se apresenta no presente, ou seja, ressignificando-o. A história não é um tempo vazio e homogêneo, mas um tempo saturado de “agoras”. A história para este autor, pode ser analisada, partir da luta de classes, segundo ele “*O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história*”. (Benjamin, 1994, p.223).

Assim, a revolução para Benjamin, seria romper com o continuum da história, que é a história dos vencedores: *Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta da barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.* (Benjamin, 1994, p.225). Para Benjamin, é necessário construir um conceito de história que corresponda a esta verdade.

Ainda em “*Infância em Berlim por volta de 1900*”, Gagnebin (2009) afirma que a prática autobiográfica de Benjamin, propõe uma ampliação da dimensão social de sujeito, que é *ao mesmo tempo, política e filosófico-psicológica, essencial para a reflexão sobre a prática histórica, isto é, como contamos a nossa história e como agimos nela.* (p. 75). Em *Infância Berlinense* o sujeito não fala de si para garantir a permanência da sua identidade, mas quando conta sua história se desfaz de representações definitivas e ousa afirmar-se na incerteza. (p.91) Na “Crônica Berlinense”, a imagem da sua vida é evocada como a de um labirinto cujo “centro enigmático” é a morada do “eu” ou do destino. Assim, a imagem do labirinto é um exercício de perder-se, desfazer-se das representações definitivas e ousar afirmar-se na incerteza:

O fio de Ariadne que guia a criança no labirinto não é somente o da intensidade do amor e do desejo; também é o fio da linguagem, às vezes entrecortado, às vezes rompido, o fio da história que nós narramos uns aos outros, a história que lembramos, também a que esquecemos e a que, tateantes, enunciamos hoje. (Gagnebin, 2009, p. 92).

As questões apresentadas por Benjamin em seu texto *O Narrador* acerca dos conceitos de memória história e narrativa, apresentam sempre a linguagem articulada



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

com a idéia de experiência, a experiência que é passada na linguagem. A memória para Benjamin não é resgate do passado, nem se dá de forma linear, é a idéia do sempre novo, mediada pela linguagem.

Entretanto, na atual conjuntura, cabe-nos também perguntar, quais elementos permeiam a construção da identidade e da subjetividade das crianças hoje? Se na narrativa está presente uma tradição de memória comum, como resgatá-la num contexto contemporâneo? Como recuperar o ouvir e o contar numa sociedade em que a rapidez e o efêmero são o que movem o mundo? Mundo este da instantaneidade, de apagamento da história. É possível encontrar o conceito de narrativa, concebido por Benjamin, na experiência de infância na contemporaneidade? Qual o lugar da memória, do esquecimento e da história no contexto de infância que tem seu imaginário permeado pela mídia, e cada vez mais tem suas relações mediadas pelas novas tecnologias? TV, internet, celulares, etc. Em que momentos da vida da criança o contar ocupa um lugar de produção de sentidos para a experiência humana?

Em seu texto de 1933, *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin (1994), trata da experiência que sempre foi comunicada aos jovens, *de forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos.* (p.115). Já neste ensaio, o autor demonstrava uma constatação de que as ações da experiência estavam em baixa. No contexto de uma geração que presenciou a terrível experiência da primeira guerra, era notável o silêncio daqueles que voltavam dos campos de batalha, mais pobres em experiências comunicáveis. A pobreza do homem está na impossibilidade de transmitir experiências vividas. Há uma temporalidade presente na experiência a que Benjamin se refere. *Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho.* (Gagnebin, 2009, p. 57).

Estas idéias são retomadas mais tarde no texto: *O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, escrito em 1936, em que a principal discussão que o atravessa é a crítica contundente de Benjamin (1994) ao desaparecimento da arte de narrar. Na modernidade o homem está desprovido da capacidade de intercambiar experiência, e se a narrativa provém da experiência, a arte de narrar como algo que se planta no outro, enquanto possibilidade para o futuro, está em vias de extinção. O narrador em Benjamin é aquele que sabe dar conselhos, o dar conselho muito mais



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

como possibilidade de continuidade do que como um guia prático para a vida. *O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.* (p. 200).

Para o autor, o ritmo frenético da modernidade tem aproximado o homem mais da vivência do que da experiência. A experiência no mundo moderno se torna medíocre na medida em que o homem necessita se desviar dos choques da vida cotidiana. *A experiência que passa de pessoa para pessoa é fonte a que recorre todos os narradores* (p. 198). Para Benjamin, das narrativas escritas, as melhores são as que mais se aproximam das histórias contadas oralmente por incontáveis narradores anônimos. Acrescenta que dois etilos de vida, o do camponês sedentário e o do marinheiro comerciante configuram exemplos da figura do narrador. O marinheiro por que em suas viagens sempre tem histórias a contar e o camponês, homem honesto que sempre viveu no seu país por tornar-se conhecedor de suas histórias e da tradição.

Benjamin aponta que o primeiro vestígio que culmina na morte da narrativa é o surgimento do romance, que tem como característica principal estar vinculado ao livro. Sua difusão dependia da invenção da imprensa e, por conseguinte da capacidade da leitura e de escrita. Ao contrário da tradição oral que reconta a experiência vivida através de histórias, sendo acessível a todos, o romancista segrega-se, ou seja, a origem do romance se dá no isolamento do indivíduo, impossibilitado de receber e dar conselhos, pois se o *dar conselhos* acontece na relação com outro, e o homem só pode receber conselho se é capaz de contar a sua situação, como receber conselhos se esta relação passa a se dar apenas com o livro impresso? *O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora a coisa narrada à experiência de seus ouvintes.* (Benjamin, 1994, p.201). Ou seja, a narrativa não é estática, ela possibilita um contar e recontar que remonta a cada narração uma experiência coletiva e não individual. A narrativa como algo que presentifica, que permite uma amplitude que não está presente no romance, que é uma obra fechada e *não pode dar um único passo além daquele limite em que, escrevendo na parte inferior da página a palavra “fim”, convida o leitor a refletir sobre o sentido da vida.* (p. 213).

A narrativa é concebida por Benjamin como uma forma artesanal de comunicação. O dom narrativo é visto pelo autor como uma rede tecida há milênios em torno das antigas formas de trabalho manual e desenvolvido no meio de artesãos, que enquanto fiavam e teciam, num ritmo lento, ouviam as histórias contadas e adquiriam espontaneamente o dom de narrá-las. A arte de contar histórias repetidas vezes, se perde



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

quando as histórias não mais se conservam. Ela se perde por que ninguém mais fia ou tece enquanto ouve histórias. Também se perde o dom de ouvir e desaparece a comunidade dos ouvintes, pois, quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo apoderado pelo trabalho, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Para Gagnebin (1994b) a narrativa associada ao trabalho do artesão se traduz numa *sedimentação progressiva das diversas experiências e uma palavra unificadora*. (P.11).

Outra forma de comunicação, tão estranha à narrativa e responsável pelo seu declínio tanto quanto o romance é a *informação*. Para o autor, a informação prima sempre por uma verificação imediata, necessita ser compreensível *em si para si*, a plausibilidade inerente a informação não dispõe da autoridade da experiência. *Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes*. (Benjamin, 1994, p.203). A informação é sempre acompanhada de uma explicação, e busca expor todas as circunstâncias do fato acontecido, ao contrário da narrativa, que por evitar explicações permite que aquele que ouve uma história possa interpretá-la a sua maneira, permitindo assim o compartilhamento da experiência.

Com a perspectiva de pensar novas vias narrativas e instaurando reminiscências, as conversas com as crianças foram feitas no exato dia do seu aniversário.

Naiane de 10 anos:

Pesquisadora: Você se lembra de todos os seus aniversários?

Naiane: Acho que sim.

Pesquisadora: O que faz você lembrar de todos os aniversários?

Naiane: Ah, a festa, os amigos. Eu me lembro de todos os temas!

Pesquisadora: De todos? Todos os seus aniversários tiveram temas?

Naiane: Acho que sim! (Pensa e ri). Acho que o de um ano eu não lembro, acho que esse não teve tema, nem o de 2 anos. Nem o de três, tem que perguntar pra minha mãe. Às vezes eu olho a fotografia, mas está na máquina antiga do meu pai. Depois eu vou até olhar. Mas foi muito legal, eu não entendia nada, mas eu fiquei muito feliz e alegre, tinha muita gente. Tinha bolo, brigadeiro, eu adorei!

Pesquisadora: É importante ter tema?

Naiane: Claro! Dá um tom mais alegre a festa, esse ano eu escolhi Hannah Montana², por causa da música.

Pesquisadora: Quais temas e aniversários que você lembra?

Naiane: com 3 anos, eu fiz de Ursinho Puff³; Com 5 anos, foi de Bob Esponja⁴ Ah, com 4 anos, eu fiz das Meninas Super Poderosas⁵; com 6 anos, foi Hello Kitty⁶; com 7 anos,

²Hannah Montana é uma série de televisão estadunidense, que estreou em 24 de março de 2006 pelo canal Disney Channel. A série se foca em Miley Stewart (Miley Cyrus) que pelo dia é uma garota normal, como todas, mas a noite vira uma famosa cantora de música pop que tem o apelido de "Hannah Montana", fazendo que ela tenha uma vida dupla. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hannah_Montana



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

eu fiz da Barbie⁷; Com 8 anos... Hummm, foi de High School Musical⁸; Aí, com 9 anos, fiz de... Betty Boop⁹;

Pesquisadora: como se escolhe um tema para uma festa de aniversário?

Naiane: Pela televisão! Você escolhe o personagem que é mais parecido com você que tem características suas.

Pesquisadora: Ah è? Então vamos recapitular pra ver se você se lembra quais as características desses personagens que parece ou pareciam com você.

Naiane: Vamos! (fala rindo).

Bob Esponja – eu ainda vejo, é por que ele faz as pessoas rirem e eu também faço. Eu gosto de fazer as pessoas rirem.

Meninas Super Poderosas – são meninas que tem super poderes, e eu sempre sonhava que tinha super poderes.

Hello Kitty– por que ela é super amiga, eu via a Hello Kitty desde que eu tinha 3 anos, e eu ainda amo ela... É porque ela é fofoquinha e eu também sou. Ursinho Puff - 3 anos eu não me lembro qual característica.

³ Ursinho Puff, ou Ursinho Pooh (no original inglês, "Winnie the Pooh"), é um urso fictício criado pelo escritor inglês Alan Alexander Milne e os direitos sobre as suas histórias pertencem à Disney®. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ursinho_Puff

⁴ SpongeBob SquarePants (br: Bob Esponja: Calça Quadrada) é um desenho animado produzido pela Nickelodeon Animation Studios e criado pelo animador e biólogo marinho Stephen Hillenburg. É a série de mais sucesso da Nickelodeon, levando a grandes níveis de audiência e diversas formas de mídia. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/SpongeBob_SquarePants

⁵ The Powerpuff Girls (no Brasil, As Meninas Superpoderosas e, em Portugal, As Powerpuff Girls) é um desenho animado estadunidense. (...). A série narra a luta contra os monstros de Townsville por Blossom, Bubbles e Buttercup, três irmãs nascidas com poderes sobre-humanos a partir de um acidente químico num experimento de seu pai de facto, Professor Utonium. (...). A série possui também um longa-metragem. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Powerpuff_Girls

⁶ Hello Kitty (Harōkiti) é uma personagem criada pela empresa japonesa Sanrio. Ela foi patenteada em 1976 e é hoje uma marca mundialmente conhecida. A personagem é a figura de uma gata branca com traços humanos que usa um laço ou flor na orelha esquerda e não possui boca. Ela tem uma irmã gêmea chamada Mimmy e namora um gatinho branco (semelhante a ela) chamado Daniel. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hello_Kitty

⁷ Barbie é um popular brinquedo infantil, uma boneca cuja criação data de 9 de março de 1959. O brinquedo é produzido pela Mattel. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Barbie>

⁸ High School Musical (Musical Colegial) é um filme do canal americano Disney channel, e primeiro da linha High School Musical. Depois de seu lançamento em 20 de janeiro de 2006, esse filme virou o filme de maior sucesso que a Disney Channel Original Movie (DCOM) produziu, com uma continuação High School Musical 2 lançado em 2007, High School Musical 3: Senior Year lançados nos cinemas em Outubro de 2008, e High School Musical 4: East Meets West a ser lançado no Disney channel no outono de 2010. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/High_School_Musical

⁹ Betty Boop é uma personagem de desenho animado que apareceu nas séries de filmes Talkartoon e Betty Boop, produzidas por Max Fleischer e distribuídas pela Paramount Pictures. Betty tinha um jeito de garota independente e provocadora, sempre com as pernas de fora, exibindo uma cinta-liga. Foi em 1930 que a personagem imigrante judaica começou sua "carreira", em Dizzy Dishes, espelhando-se nas divas desta década, ao som de muito jazz (Big Bands). Mas Betty Boop ficou famosa mesmo quando interpretou "Boop-Oop-a Doop-Girl", de Helen Kane, e, enfim, entrou para a história, participando de mais de 100 animações. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Betty_Boop



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

*Barbie – 6 anos – se você reparar todos os filmes da Barbie ela é um a princesa, quando eu via ela, eu me tornava princesa. Até hoje ainda tem convite.
High School Musical – por causa da música e da dança, eu adoro cantar e dançar.
Bette Boop – por que ela é bonitinha, na realidade foi assim a minha mãe falava muito na Bette Boop, eu nunca vi o desenho dela, não passava mais na televisão, mas quando eu vi o cartaz dela eu amei, pedi pra minha mãe comprar.
Esse ano eu vou fazer da Hannah Montana, por que ela é alegre e é bonita e eu também sou.*

Naiane aqui manifesta uma memória que está para além do nostálgico, suas memórias sugerem questões para além do individual as memórias do aniversário contam histórias e dizem dela e de outras crianças. Para Benjamin a narrativa, integra tanto experiências de vida como experiências relatadas por outros, tornando o processo narrativo e a elaboração da memória como processos dinâmicos, nas falas aqui expostas uma recriação da criança

Giovanna 5 anos:

Pesquisadora: Como a gente sabe que é o dia do nosso aniversário?

Giovanna: As pessoas da família que fala, na minha casa, mora minha mãe, meu pai minha irmã, meu avô e meu tio.

Pesquisadora: bastante gente pra falar o dia do aniversário né?

Giovanna: é todo mundo sabe o dia do meu aniversário. Acho que pessoas que não é a gente sabe primeiro do que a gente. (risos).

Na perspectiva Benjaminiana de história, o passado para o historiador precisa ser olhado a partir do encontro com o presente. Para este pensador, tal encontro propõe uma revolução na maneira como o pensamento se constrói. Somente uma mudança conceitual na forma de pensar, permite a construção de uma nova concepção e ideia diferente, de tempo e de história. Como construção a história está sujeita a novas origens, pois é sempre inacabada, incompleta e descontínua.

O instante imobiliza esse desenvolvimento temporal infinito que se esvazia e se esgota e que chamamos – rapidamente – demais de história; Benjamin lhe opõe a exigência do presente, que ela seja o exercício árduo da paciência ou risco da decisão. Se lembrar do passado não for uma simples numeração oca, mas a tentativa, sempre retomada, de uma fidelidade, àquilo que nele pedia um outro devir, a este “signos dos quais o futuro se esqueceu em nossa casa”, como as luvas ou o regalo que uma mulher desconhecida, que nos visitou, em nossa ausência, deixou numa cadeira, então a história que se lembra do passado, também é sempre escrita no presente e para o presente. (Gagnebin, 2009. p.97).

Neste sentido, que histórias, memórias e narrativas suscitam nas crianças, as indagações sobre o dia do seu aniversário? Que conselhos e experiências podemos compartilhar com elas? Benjamin concebe o método como caminho indireto, desvio.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Para este autor, na produção de conhecimento só o método como desvio pressupõe novas configuração e infinitos caminhos a se seguir. Em seu trabalho das Passagens o autor afirma: *o que são desvios para os outros, são para mim dados que determinam a minha rota.* (Benjamin, 2006, p. 499).

Neste sentido, é somente no olhar do “desvio”, proposto por Benjamin, *um pensamento que pára, vem de novo, espera, hesita, toma fôlego.* (p. 99), numa lógica não linear, que entrecruza passado, presente e futuro que é possível compreender a experiência de ser criança. Pela imaginação, pela fantasia, num entrecruzamento que se dá na, e pela linguagem.

Os caminhos aqui apontados propõem inquietações que partem de alguns fios teóricos tecidos como possíveis apropriações e formas de olhar os temas propostos.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *A História Social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994. P.197-221.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994. P. 114-119.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, W. – *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994. P.222-232.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CUNHA, M.C. Pereira. *Carnavais e outras festas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, São Paulo: editora da Unicamp. 2002.

GAGNEBIN, J.M. A criança no limiar do labirinto. In: *Historia e narração em Walter Benjamin*. Campinas, Perspectiva, 1993, p. 82-105.

GAGNEBIN, J.M. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. (Ed.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994 b. p. 7-19.

GAGNEBIN. Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: perspectiva. 2009. P.74-92.

GAGNEBIN. Jeanne Marie. Não contar mais? In: *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: perspectiva. 2009. P. 56-72.

GAGNEBIN. Jeanne Marie. História e Cesura. In: *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: perspectiva. 2009. P.93-114.

SIROTA, Régine, *Emergência de uma sociologia da infância: Evolução do objeto e do olhar*. In: Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Nº 112, março de 2001, p. 7-31.